

ENTREVISTA COM A PROFESSORA BÁRBARA BREDER: PSICOLOGIA E PANDEMIA¹

Bruno dos Santos Azevedo²

Em 2020, o mundo se deparou com uma situação como nenhuma outra em muito tempo. A COVID-19, doença respiratória causada pelo *SarsCov2*, conhecido como “novo coronavírus”, se tornou uma pandemia em menos de 4 meses após o primeiro caso registrado na província de Wuhan, na China. Em Março, o primeiro paciente foi registrado no Brasil, onde no dia da realização dessa entrevista, já se contavam mais de 60mil mortos pela doença. A pandemia de COVID-19 alterou bruscamente nossas rotinas. O isolamento social, ainda que tardio e brando no país, mudou o cotidiano dos brasileiros e a crise não foi só na saúde. Buscando entender os impactos da pandemia na saúde mental das pessoas e as relações da Psicologia, das Ciências Humanas e da Universidade com a conjuntura atual, conversei com a professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes, Bárbara Breder. Bárbara é coordenadora do Laboratório de Psicanálise, Política, Cultura e Estudos de Gênero (UFF/PUCG), supervisora do estágio em clínica psicanalítica no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA/UFF), mestre e doutora em Ciência Política pelo Programa de Pós Graduação em Ciência Política PPGCP/UFF e psicóloga formada pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Esta entrevista foi realizada no dia 9 de Julho de 2020, de forma remota. Durante a conversa, tivemos queda na conexão com a internet de ambos os lados diversas vezes, além da aparição inesperada da filha da professora. Citar essas situações aqui fará todo sentido mais adiante, na resposta da professora sobre as atividades remotas.

BRUNO AZEVEDO: *Qual o papel das ciências humanas nesse contexto de pandemia?*

BÁRBARA BREDER: Você já começa com uma pergunta bem complexa. Qual o papel das ciências humanas no combate de algo que é viral? Eu tenho falado muito da importância

¹ A escolha do tema e da entrevistada foi uma decisão coletiva do corpo editorial e a elaboração do roteiro e preparação da entrevista contou com a colaboração de Rhuana Lima, editora executiva da Revista Discente Planície Científica.

² Bacharel e licenciando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, é editor executivo da Revista Discente Planície Científica.

de a gente pensar um olhar ampliado sobre a questão. Porque especificamente no Brasil, a questão da COVID possui camadas múltiplas. Eu tenho chamado de uma certa miríade do olhar plural que a gente precisa lançar sobre um fenômeno que é muito complexo, então é importante, primeiro, a gente preparar esse terreno. É um vírus, então a gente poderia pensar a princípio que é da área biológica ou da saúde, o principal campo de saber para compor o avanço e o enfrentamento do vírus, mas é um vírus que está aí colocando para a gente, a olhos nus, a complexidade da nossa existência. A princípio esse recorte de ciências humanas, ciências biológicas, ciências da saúde é um artifício, é algo que a gente cria para poder dar conta da produção de conhecimento dentro de um determinado campo, de uma perspectiva das disciplinas. Mas o que se coloca no cenário, hoje, é algo complexo, é algo da ordem do fenômeno, é algo que se coloca a ver. Os recursos que a gente tem ou construiu ao longo da história, da nossa história de conhecimento, não são suficientes sozinhos, apartados, para dar conta de uma estratégia de saída possível. É importante que a gente faça nesse momento e, talvez, mais do que nunca, uma associação interdisciplinar, uma relação complexa de olhar a partir de diversas disciplinas para o que está posto. Porque um vírus que começa a se difundir e contaminar, que tem a ver com uma relação de expropriação da natureza, violenta, que a gente faz, então é algo que está aí nas ciências ambientais. É algo que as ciências ambientais têm que se debruçar para pensar. Mas também convoca as ciências biológicas a pensar o funcionamento próprio do vírus, de contaminação, contágio, como ele funciona, vetor, enfim. Mas também convoca as ciências da saúde como um todo quando a gente pensa em tratamento, em vacina, em pesquisa. Mas também convoca as ciências humanas, porque a gente está falando necessariamente de um vírus que nos coloca em isolamento social, então é algo que também impacta nossa vida social e coletiva, e no Brasil a gente tem mais um desdobramento que é o desdobramento político, a politização do vírus que nos envolve também na área das humanas como você faz a pergunta, para a gente poder pensar quais fatores políticos estão envolvidos nesse momento que a gente tem que permanecer em isolamento social, porque nenhuma política pública, direcionada pela OMS, está sendo implantada no nosso país. E ainda é algo que a psicologia precisa pensar porque o isolamento social traz o afastamento, quebra de laços, adoecimento psíquico. A gente está numa situação muito complexa, num fenômeno extremamente complexo e que as ciências humanas, então, partindo já para a conclusão da resposta, tem que se haver com isso, porque ela é parte integrante para poder pensar o enfrentamento, mas tem que ter em mente que a gente só vai conseguir alguma articulação robusta e efetiva, uma estratégia possível, se a gente pensa no

caráter interdisciplinar. Então, tentando responder um pouco mais objetivamente: as ciências humanas tem tudo a ver, ela precisa estar no campo, nesse enfrentamento, produzindo conhecimento a partir da sua base, mas atenta, e como qualquer disciplina, qualquer campo, é muito pouco sozinha para fazer esse atravessamento. A gente precisa pensar complexamente um fenômeno que é complexo. A gente precisa pensar, de forma plural, um fenômeno que reverbera diversas camadas da nossa existência. Em última instância são questões existenciais que a gente está vendo agora.

BA: *Quais você considera que são as consequências mais relevantes da pandemia e das medidas de isolamento para a saúde mental dos indivíduos? Você acha que existe algum ponto positivo nessa situação que estamos vivendo?*

BB: O que é que a gente está vivendo hoje neste fenômeno super complexo? Uma experiência de fim de mundo! Algo que estava aí sólido para a gente, de referenciais simbólicos, de organização social estão virando “areia” bem diante dos nossos olhos, e isso vai desde o aspecto político, desde o aspecto dos referenciais simbólicos de autoridade que direcionam a nossa vida em coletivo, desde a nossa relação com o outro, das coisas mais simples, do encontrar na rua, quer dizer, os hábitos da sociabilidade. O que a gente está experienciando é uma certa ruína da maneira que a gente experienciava o mundo até aqui. Eu acho que isso é o primeiro ponto. Por quê? Porque vai exigir uma reconstrução, então você já me coloca assim: “Ah, quais são os aspectos positivos e negativos?”. É difícil a gente apontar, primeiramente, os aspectos positivos. Talvez eu poderia pensar o seguinte: que a questão da pandemia e do isolamento coloca uma questão de base que é o olhar de frente para nossa construção sócio-histórica. Por quê? Independente de a gente pensar nas questões psicológicas, vamos botar primeiro a realidade concreta em cena. Porque eu estou falando de relação simbólica, eu estou falando das relações de sociabilidade que estão sustentadas necessariamente pelo campo da cultura, pelo campo da linguagem, pelo campo que nos é formativo, pensando mesmo na realidade concreta e materialidade histórica. Nesse sentido, eu acho positivo a gente estar vendo de frente, de uma maneira nua, talvez como nunca antes, os aspectos tão desiguais na formação do nosso país. Não tem mais como a gente negar que esse país é um país racista, que é um país misógino, que é um país desigual de condições. Eu não sei se eu diria que isso é algo “positivo”, mas em certo sentido é porque a gente não pode mais negar a nossa herança sócio-histórica, que não fica num passado distante, mas se atualiza cotidianamente. Nesse sentido, a gente tem algo coletivo que se haver. Eu tenho trabalhado

em colaboração num blog que se chama “*Diálogos do fim do mundo*”, é até do Departamento de Ciências Sociais³, em parceria com o Departamento de Psicologia, que eu faço parte. E a gente estava imaginando isso: “Nossa, a gente está vivendo o fim do mundo!” e, em certa medida, a gente diz: “Que bom!” Que bom que esse mundo racista, misógino, desigual, de concentração fundiária, de terra, de riquezas; ele está ruindo, ou pelo menos alguma coisa está sendo mexida aí. A gente não sabe se a saída vai ser uma saída autoritária, de ratificar e fortalecer essa desigualdade. Mas também pode ser uma outra saída, que a gente faça coletivamente com um debate robusto e profundo dessas questões para que a gente possa ter uma saída democrática, ou pelo menos de desconstrução e reconstrução de algo novo, de um utopia ativa mesmo, que eu estou falando, nesse sentido. Eu acho positivo a gente estar, na ordem do dia, discutindo questões que antes ficavam debaixo do tapete, numa negação do racismo, numa negação da misoginia, numa negação da violência contra os povos originários do nosso país que hoje não têm como, mais, a gente negar, porque isso está posto em cima da mesa, enfim, nas conversas cotidianas. Nesse sentido, também, já que a gente está na universidade, a universidade não pode mais se furtar a esse papel, de ter isso como pauta prioritária na formação dos nossos alunos, tendo em vista que a gente está numa universidade pública, socialmente referenciada, publicamente financiada. Nesse sentido, deixa o terreno um pouco mais claro para pensar: qual é a missão? Para o que é que serve a universidade hoje? Já que a gente está falando dela... E também no sentido do cidadão comum, de se haver com a história do próprio país de formação de uma maneira que, antes, a gente negava. Ficava nessa coisa recalcada, nessa história que a gente não olhava de frente, não tomava isso como um ponto importante de trabalho, então acho que se há um ponto positivo é esse de a gente não poder mais se furtar. Ou quem se furta a esse debate, se furta sabendo o que está fazendo, no sentido de que há um processo de desalienação. Não é porque “não sei”, é porque “eu não quero debater”. Então, tudo bem, você está replicando o discurso hegemônico. Não dá mais para ficar em cima do muro, no sentido de que se você não discute, você replica o discurso hegemônico. Eu acho que está na hora da universidade, estou falando da universidade porque a gente está nela, entender que esse é o principal ponto hoje: de a gente poder pensar de que maneira a universidade pode contribuir para defender, garantir democracia, ser um espaço democrático e pensar o seu valor social. Eu acho que é para isso que a gente existe em Campos. Instituto de Desenvolvimento Regional, essa é a nossa missão, essa é a nossa

³ Da UFF de Campos dos Goytacazes

vocação, para sair um pouco dessa coisa empresarial de missão e valores, mas acho que essa é a nossa vocação. Então, num primeiro ponto, eu acho que esse seria um ponto que talvez a gente pudesse estabelecer como positivo, porque, de resto, eu acho que sobram muito desafios duros, com os quais a gente está tendo que se haver agora. Vamos falar do vírus: é um vírus em uma escala global, numa pandemia que mostra para a gente, talvez esse seja um ponto positivo dessa situação que a gente está vivendo, que não tem fora, que a gente está numa unidade nesse planeta e que não existe fronteira para o vírus. Não tem como a gente fugir para outro país, não tem como a gente se esquivar de se pensar interconectado, global, pertencente de uma mesma espécie, por mais óbvio que isso possa parecer. Na nossa vida, a gente não se orienta a partir, geralmente, dessa ideia. Outro ponto positivo, talvez, que a gente possa pensar, é que não tem mais como não ver o dano que a gente causa ao meio ambiente quando a gente faz um uso violento dos seus recursos. É importante que a gente discuta a ecologia na ordem do dia e isso está presente nos nossos cotidianos, desde a maneira que eu dispenso meu lixo, até a comida que eu boto na mesa. Isso também é algo que a gente precisa repensar para hoje, não é para depois, porque os estudiosos de situações pandêmicas e também de questões ecossociais, apontam que com a maneira que a gente usa o meio ambiente - e o vírus é fruto disso, tem a ver com esse uso violento dos recursos - não vai ser a primeira pandemia que a gente vai viver. Se a gente mantém esse uso, dessa forma indiscriminada, a gente está num processo de encaminhamento pro fim de um mundo, de um flerte com o esgotamento dos recursos naturais. Se tem algo positivo é que a gente não pode mais deixar de se haver com essa questão: a complexidade do fenômeno é também porque esse vírus coloca para a gente uma série de questões de várias ordens. E aí, entrando mais propriamente na minha área, pensando a questão do adoecimento psíquico, pensar, também, que esse vírus coloca o ser humano de frente pro maior tabu da existência humana, que é a morte. A gente fala muito do negacionismo, pensando na questão da ciência, do negacionismo da ciência, mas a gente faz algo similar com a morte, no sentido de que a gente não a conta na nossa vida. A gente se orienta na vida como se a morte fosse algo que não fosse acontecer, quando, na verdade, é algo que a gente tem mais que certo na nossa existência: de que um dia todos nós iremos morrer. Eu tenho conversado com alguns amigos e também, às vezes, quando eu dou aula sobre o Hegel, que fala da importância da morte, inclusive da negação da morte, da negação enquanto ser para a morte, para a gente poder advir enquanto ser vivente e quando a gente recebe a notícia de que alguém morreu, a gente se assusta, como se fosse algo: “Como assim? Ontem eu estava com ele!” Mas eu acho que nos traz essa mensagem de que: lembrem-se,

somos mortais! A gente está de frente para o maior tabu humano e não de qualquer maneira, porque a gente está extremamente vulnerável, por quê? Porque a gente não vê o vírus, a gente não sabe onde ele está, e mais ainda: ele pode estar em qualquer lugar e advindo das pessoas queridas. Então, a gente precisa fazer o isolamento social. A gente precisa sair do contexto que nos dá sentido à vida, que é a relação com o outro, para um confinamento em casa. A gente já está indo para o quinto mês - março, abril, maio, junho e julho - de confinamento, perdendo isso que nos dá sentido da vida, que é na relação com o outro. Eu só sou professora porque eu tenho alunos, então, estar fora da sala de aula, estar fora da UFF, é algo que me adoce psiquicamente, porque me tira referenciais simbólicos importantes, que estão postos na relação direta com o outro. Nós somos seres sociais, também. Somos seres biológicos e somos seres sociais e precisamos dessa interação para estabelecer um sentido na vida. Então, olha que loucura: a gente está em um momento em que os sentidos de vida estabelecidos até aqui são suspensos. A gente está em um momento em que aquilo que dá sentido à minha existência, que é a relação com o outro, também está suspenso. Eu estou em uma suspensão, também, das relações afetivas, porque eu estou longe dos meus amigos, estamos, dos nossos familiares, dos nossos lugares da cidade que também nos fazem pertencer. Não estar circulando na UFF é algo que promove um sofrimento muito grande, tanto aos professores quanto aos alunos, quanto aos técnicos. Porque trabalho é algo importante, que nos dá esse sentido. A gente está nesse contexto, vivendo algo pandêmico, que nos exige abdicar e abandonar as relações afetivas e de sentido de vida, uma rotina comum. Nós estamos com aquele registro e com tudo que dava sentido à nossa vida em ruínas. A gente está frente a um vazio de sentido, num medo iminente. Não só estamos afastados dos nossos afetos, porque quando a gente recebe a comida em casa, ou quando a gente recebe alguém, ou tem que sair na rua de máscara, o contato com o outro é algo que me causa medo. A gente está vivendo um medo cotidiano, aquilo que me trazia prazer, que era ir ali embaixo, comprar um açaí, trocar uma ideia, conversar, jogar papo furado. Por que é que a gente joga papo furado? Porque é uma maneira de a gente fazer justamente esse movimento: eu sou alguém, você é alguém, eu te dou um sentido na sua existência e você me retribui com sentido, no sentido imaginário, vamos pensar assim. Isso está rompido, e no lugar disso veio o oposto, você pode ser um vetor para mim e eu posso ser uma ameaça para você. A gente faz uma troca, do valor da relação social, que também é difícil para a gente sustentar, e, fora isso, cada ato cotidiano passou a ser um ato de sobrevivência. Como a gente faz os memes de dar banho na batata palha, de receber as compras em casa. Então, algo que era simples passa a ser uma ameaça à

minha existência. A gente está num mecanismo de luta ou fuga, a gente está num mecanismo de proteção da própria vida, que nos tira dessa outra experiência de vida maior, que é a coletiva, a de sentido, a criativa e a gente acaba ficando nessa zona inicial de tentar manter a vida biológica, vamos dizer assim. Isso não se faz sem ônus. Há o sofrimento, um ônus psíquico. Fora isso, a gente ainda tem as situações de confinamento muitas vezes solitária, muitas vezes insalubres, porque nem todo mundo tem casa, por exemplo, para poder ficar, se proteger. Acho que isso também aponta para aquilo que eu estava falando inicialmente, que nós não estamos no mesmo barco. A gente está em uma mesma tempestade, mas os recursos que a gente tem são recursos muito diversos e não tem mais como a gente deixar de olhar para isso. Eu quero falar do retorno às aulas, mas eu deixo isso para frente. Vou primeiro pensar aonde a gente está. A gente tem, por exemplo, as crianças longe das escolas, então, isso traz um sofrimento, claro, da interação da criança, mas também traz uma dificuldade em casa, porque a gente está falando que nem toda família é uma família que tem um lar saudável, por exemplo. As relações podem estar adoecidas. Então, a gente tem um aumento da violência contra a mulher e a gente precisa dizer isso, a gente precisa lembrar que as pessoas LGBTQI geralmente não encontram um lugar acolhedor em casa, pelo contrário, muitas vezes esses lares são violentos, o que leva muitos deles a sair de casa precocemente e se valer dessas outras relações: na universidade, em outros lugares como uma substituição dessa família, dessas relações afetivas, a gente está falando que existem mães solo com crianças em casa, tendo que trabalhar remotamente. É uma série de complexidades, idosos que estão sozinhos em casa, sem conseguir sair e sem recursos também. A gente está falando de trabalhadores que não podem fazer o isolamento social porque está sendo exigido que estejam nos seus postos de trabalho de uma maneira vil e criminoso, eu tenho classificado assim a abertura do comércio. Pessoas que não podem proteger a si e aos seus porque têm que sair para trabalhar. A gente está numa disputa de projeto de país que está se dando numa arena muito difícil. Tudo isso para dizer que um sofrimento psíquico não é algo que está descolado disso, ele é algo que faz parte desse contexto. A Psicologia, muitas vezes, ajuda numa despolitização das questões. Eu posso dizer: “Ah, ela está ansiosa!”, e não estou vendo que ela está passando por uma situação de violência e que essa ansiedade não acontece do nada, acontece porque ela se sente ameaçada, que a qualquer momento ela pode sofrer uma agressão, seja física, verbal, moral ou psicológica. A gente precisa ter muito cuidado, porque a psicologia às vezes faz isso. E todo meu encaminhamento na pesquisa e a minha contribuição para a formação dos alunos na UFF é pensar isso: que o sofrimento psíquico está incluído nessa realidade concreta. Ele

não está flutuando nisso, ele está articulado. Quando eu tenho que falar de saúde mental nesse contexto, eu digo assim: é esperado que estejamos nessa situação de sofrimento psíquico. Nesse sentido, quando a gente faz a análise só do sintoma, a gente pensa o sintoma como algo que está na relação com a realidade e se a realidade é uma realidade adoecida, violenta, como eu estou dizendo, na ausência de sentido de vida e também de perspectiva de fim. Porque uma vez que a gente não tem uma política pública de gestão da crise, a gente não sabe quanto tempo a gente vai ficar confinado em casa ou nessa ameaça dupla, que é: “vá para o trabalho e arrisque sua vida ou fique em casa trabalhando em *home office*, em uma situação precária, que produz sofrimento e violenta”, porque, para mim, isso que é uma violência. Nesse sentido, se a gente está sofrendo, eu diria assim: que bom, não é? Porque é sinal que de que de alguma maneira no seu psiquismo você está saudável, porque você está reagindo ao que está posto com sofrimento. Olha quanta coisa que eu já “trouxe para a mesa”, para a gente pensar, e a gente pode desdobrar mais um aspecto que é o seguinte: a gente está contando sessenta mil mortos, não é isso?

BA: *Acho que já chega a sessenta e quatro mil.*

BB: Sessenta e quatro, que corresponde a, eu vi uma comparação, oito aviões cheios caindo por dia, a gente está fazendo luto enquanto espécie. Se eu sei que sessenta mil pessoas morreram até aqui e que mais de mil pessoas vão morrer por dia e que vão continuar morrendo e que esse pico só tende a aumentar, já que não está sendo feita nenhuma política de gestão disso, se eu estou sofrendo, isso é sinal de dignidade, de alguma dignidade. Eu tenho pensado o sofrimento primeiro como esperado, já que a gente está vivendo algo que é de uma ordem, de uma tragicidade, que são mortes evitáveis. A gente precisa marcar muito isso quando a gente fala dessas mortes, são mortes que poderiam ser evitadas, que poderiam, não, que deveriam ser evitadas. É a morte de um projeto de país, é a morte de referenciais simbólicos, é a morte de pessoas, é a morte de uma relação ordinária habitual com a vida que eu tenho que repensar. Fora os lutos pessoais, porque a vida não para. A gente continua vivendo e tem que se haver com as nossas questões antigas. Se a gente sofre hoje, é algo esperado. Eu acho que esse é o primeiro ponto. Não é natural, no sentido de ser naturalizado, mas é esperado, porque a situação que a gente está vivendo é uma situação, repito, de violência, de perda de sentido de vida que a gente tinha, de perda de referenciais simbólicos, de perda de um projeto de país que a gente compartilha, porque a gente está na UFF, a gente está ali, independente se eu sou professor, aluno, se eu sou da Psicologia ou se eu sou das

Ciências Sociais, a gente está ali no espaço público de promoção de um país mais justo também e a gente está vendo pessoas morrerem, mortes que poderiam ser evitadas, mortes que vão continuar acontecendo, ao mesmo tempo que a gente desvelou esse país tão desigual. Darcy Ribeiro fala de um país com os intestinos à mostra, eu gosto dessa expressão, a gente está aqui vendo. Então, é muita coisa para a gente fazer luto ao mesmo tempo e muita tragédia e horror, também. Acho que a gente está de frente para o horror de um esgarçamento do tecido social, do tecido civilizatório, que é o que nos dá alguma segurança, a gente está como vida nua, em puro desamparo e isso produz um sofrimento que é fruto dessa relação que a gente está tendo com essa realidade tão dura, tão aguda, tão grave que a gente está vivendo hoje. Ele comporta, em si, algo da dignidade, porque nos coloca empaticamente na relação com o outro, não só na relação com o outro, mas com um projeto de país unitário.

BA: *Quero retomar uma coisa. Você falou bastante sobre universidade e esse é um ponto principal que eu queria tocar. Sobre a questão da volta às aulas. Algumas universidades voltaram, já estão nas aulas remotas ou pelo sistema de EaD, e outras pensam em voltar só quando acabar a pandemia. A UFF ainda não deu uma posição oficial, mas há a perspectiva de que deve voltar às aulas no final do ano.⁴ Qual o impacto disso? É possível conciliar estudos e pandemia?*

BB: É gravíssimo o que a gente está vivendo! Eu tenho uma colega, Luana, que também é professora do departamento, que disse: “Gente, não é uma vírgula na nossa história.” No sentido de que não é qualquer coisa que a gente está vivendo. Quando eu falo que o sofrimento psíquico está envolvido nessa arena, de disputa de projetos políticos de país, de projeto de país, isso também se dá na universidade. Se a gente pensa em voltar às aulas agora em EaD, a gente está considerando que todo o projeto que a gente desenvolveu com o REUNI vai por água abaixo. Se a gente considera o retorno das aulas remotamente, a gente está assumindo que a gente vai assumir e defender uma universidade elitista, feita de homens brancos para homens brancos. Por que eu estou falando isso? Porque a gente está desconsiderando que os nossos alunos são de camadas sociais, de cores, de existências diferentes. Toda luta que a gente fez, que a gente faz no sentido de manter a universidade plural, tem uma fala da Maju que eu adoro, eu já repeti numa mesa que eu fiz na ADUENF, se eu não me engano, e vou repetir aqui: a universidade tem que ser pintada de povo. Eu acho

⁴ Em 17 de Julho, a UFF anunciou o retorno às aulas, de forma remota, a partir de Setembro de 2020. A decisão foi controversa, gerando muitos debates e inquietações por parte da comunidade acadêmica.

que a universidade, ela tem que ser espaço de defesa de democracia e de efetivação da democracia dentro dos seus muros. No sentido de que a universidade pertence ao povo, à classe trabalhadora. Porque se a gente volta às aulas agora, a gente está simplesmente ignorando que existe uma classe trabalhadora, que nossos alunos são trabalhadores, que nem todos os nossos alunos têm acesso à Internet, que muitos deles usam o laboratório da UFF para poder escrever os seus trabalhos. Se a gente volta remotamente, eu acho que é parte desse véu, sabe? Que a gente tem que ter muito claro: professor, aluno, técnico, seja o que for, se a gente defende o retorno agora, a gente está defendendo uma universidade elitista feita de homens brancos para homens brancos. Por que que eu estou falando isso? Porque não está se considerando o número enorme de pesquisadoras mães que a gente tem na universidade. A gente tem uma produção imensa das mulheres na academia que antes a gente não via. O que aconteceu com o período de pandemia? Não sei se você viu esses números. A produção das mulheres pesquisadoras caiu, em números que nunca se haviam visto antes, enquanto os números dos homens pesquisadores mais que dobrou. Então, recentemente, eu escrevi um artigo de um livro com duas colegas: a Rubiane e a Tábata, questionando isso. De que maneira o isolamento produz um lugar de escritório e *bunker* super positivo para os pesquisadores, que agora podem se dedicar à produção intelectual, enquanto que as mulheres, na medida em que as escolas estão fechadas, estão impedidas de exercer sua função pública. É isso que a gente vai fazer? Agora pensa na aluna que é trabalhadora e mãe solo, que não é uma nem são duas, mas grande parte do nosso corpo discente. A gente vai considerar, então, assumir que essas mulheres não devem estar na academia, não é verdade? Na medida em que a gente não pode garantir o acesso aqui e agora... Estamos só nós dois nessa chamada, e a gente já travou algumas vezes. Como é que vai ser o acesso dos alunos a isso? Sequer a internet é popularizada no nosso país. Eu acho que isso tem que estar muito claro para a gente. Agora, não tem como voltar presencialmente. Por que não tem como voltar presencialmente? Porque a gente não fez a gestão, a gente sequer fez um isolamento. A gente não fez isolamento social coletivo. A gente não tem gestão pública dessa crise, a gente fez praticamente facultativo. Tem pessoas que puderam estar em casa e pessoas que não conseguiram sequer optar por estar em casa porque, enfim, teve a questão da renda e não teve nenhuma política pública robusta capaz de contornar e gerir essa crise. Eu tenho chamado de gestão da crise. O que se fez no Brasil foi uma gestão, no sentido de maximizar o caos para criar um terreno estável para medidas autoritárias e, não, o contrário, no sentido da gente fazer uma gestão para poder novamente habitar a vida com o mínimo de normalidade. O

“novo normal” não pode ser reafirmar esse mundo que a gente precisa desconstruir, esse mundo desigual, esse país desigual. O novo normal não pode ser ratificar a exclusão de grande massa dos nossos alunos da universidade, que são as mulheres, os negros, também os LGBTQI, que muitas vezes não encontram condições de saúde mental, porque sofrem violência também na universidade. Então, é preciso que a gente, antes de decidir se volta ou se não volta às aulas, se vai ser EaD ou presencial, antes de pensar isso, a gente tem que pensar para que serve uma universidade. Para que serve a universidade hoje, num país tão desigual? Serve para defender democracia e acesso democrático, desenvolver região, para isso que a gente existe em Campos, então, a partir daí é que a gente vai pensar como que a gente vai existir. Eu fico muito aflita, é um ponto de angústia muito grande para mim, porque eu sei que a maior parte dos meus alunos são bolsistas de desenvolvimento acadêmico e, na maior parte dos meus alunos, são os primeiros da família a entrar para uma universidade pública. Isso conta muito. Eu sou a primeira da minha família a ter doutorado. De uma parte da família, eu sou a única que tem, entre homens e mulheres. Uma mulher com doutorado, isso significa muito. Eu sou de classe trabalhadora, então a gente precisa entender que o que a gente fez com o REUNI foi incompleto, concordo, falta estrutura, concordo, a gente precisa fazer a crítica, precisamos. Mas neste momento a gente precisa entender, também, que foi uma entrada massiva, que foi a ampliação do acesso. Não só para alunos, mas também para professores. Eu fui bolsista REUNI no mestrado, por isso que eu gosto de defender tanto a UFF, porque eu entrei nessa brecha progressista, vamos chamar assim, do nosso país. A universidade precisa comportar essas pessoas. Que pessoas? LGBT, tanto no quadro de professores, quanto no quadro de alunos. Então, acho que antes de a gente pensar, para tentar concluir um pouco a resposta, em retorno às aulas e de que modo vai ser, a gente tem que pensar qual universidade a gente quer e para isso a gente precisa promover a democracia dentro dos seus muros e para fora dela e, para isso, eu preciso garantir o acesso. Repito, a gente está aqui numa chamada a dois e a gente já caiu. Imagina isso numa sala com sessenta alunos, cada aluno tendo que se haver com o trabalho, porque está precarizado, como é que vai ficar bolsa de assistência estudantil que já vinha em declínio? Eu tive que trabalhar na minha graduação, imagino que você também tenha colegas que trabalhem na graduação, que estão trabalhando remotamente em casa, ou tendo que se arriscar no comércio e em outros postos de trabalho, e quando ele vai na rua trabalhar, ele bota a vida em risco e quando volta é esse sentimento de luta e fuga, como é que ele vai abrir um livro e vai ler? Como é que ele vai pegar o conteúdo e vai assimilar, se no que ele está posto ali é um risco de existência básica?

Como é que as suas colegas vão fazer, que são mães? Para ler? Eu sou mãe solo, então para eu produzir um artigo ou aula, eu faço com minha filha em volta, mas tem uma hora que ela vai para a escola e aí eu consigo estar na UFF. Hoje a escola não existe, então a gente não vai mais ter professoras mulheres? A gente vai ficar só com os pesquisadores brancos, homens? Que vão promover a metodologia, nenhuma metodologia é neutra, a gente sabe disso. Ou a gente vai fazer uma pluralidade de olhar, uma pluralidade epistêmica, uma pluralidade metodológica? Eu tenho alunas que vêm das classes trabalhadoras. Uma aluna, que é uma mulher negra feminista, recentemente foi trabalhar na saúde mental e se colocou essa questão ali. Esses dias eu fui banca de uma aluna do mestrado que trabalhou sobre o *hip-hop* de Campos dos Goytacazes a partir da perspectiva LGBT e eu disse a ela: “Taís, só você poderia ter feito essa dissertação.” E aí eu estou querendo trabalhar com essa ideia do intelectual orgânico. A gente não vê do neutro, a gente vê de uma posição, então o que eu estou querendo dizer: quanto mais plural for a perspectiva, as perspectivas, os pontos de olhar a realidade da produção de conhecimento, melhor a gente vai compreender o país que a gente vive, melhor a gente vai compreender a região que a gente vive, vai desenvolver os nossos campos de conhecimento. Se não, a gente vai ficar sempre na perspectiva da ciência positivista, fechada em determinada metodologia, olhando para determinados objetos, já escalados na cena como tradicionais e clássicos, e a gente vai ficar repetindo e não vai discutir, ao meu ver, o que interessa, que é a pergunta: como fazer desse país um país mais justo e mais igualitário? E aí tem tudo a ver com as ciências humanas, que foi a primeira pergunta que você colocou.

BA: *Existe uma estrutura no SUS que seja adequada ao tratamento da saúde mental? A pandemia pode gerar alguma reformulação?*

BB: Então, o SUS é um projeto fabuloso. A ideia da universalização é algo que acontece em pouquíssimos países. Eu posso citar o Brasil, o Canadá tem uma situação meio mista e aí eu deixo indicado o documentário: “SICKO: SOS Saúde”, do Michael Moore, que ele faz um apanhado dos sistemas de saúde. Eu dou essa disciplina geralmente no curso, “Psicologia e políticas públicas”, e lembro que o Sistema Único de Saúde, um sistema único que vale em todo o território nacional, com acesso garantido para todo e qualquer brasileiro, independente de quanto ganha, independente da classe social, independente se trabalha ou não, é algo extremamente revolucionário, extremamente precioso e que a gente não pode abrir mão. O que a gente tem no nosso país é o sucateamento e, por conta do interesse de empresas privadas, a não efetivação desse sistema como deveria ser. Então, isso eu acho que a gente

precisa deixar muito claro. Porque o sistema de saúde particular é complementar ao público. A gente acha que é o contrário, que o público é para quem não tem o particular. Não, a lógica não é essa, mas por que a gente pensa assim? Porque a gente foi ensinado a pensar assim pelas grandes mídias, pelo pensamento, também, que a gente entende as políticas sociais como assistencialistas e não enquanto direito, então o que a gente tem no Brasil hoje? A definição de que saúde é um direito e isso está na Constituição Federal. A gente está com problemas de efetivá-la no momento em que as medidas autoritárias estão mais a fundo e que não respeitam a Constituição, mas isso é outro papo. Mas o que a gente conseguiu consolidar, isso é muito importante: a saúde enquanto direito. Isso significa que o Estado tem o dever de prover e isso não acontece em todos os países. Você deve ter visto uma reportagem que, nos Estados Unidos, um cara foi curado da COVID e saiu com uma dívida de um milhão de dólares, por quê? Nos EUA e em outros países, a saúde não é um direito, ela é uma mercadoria, ela é uma questão de consumo como qualquer outra. Então, essa perspectiva brasileira de que saúde é um direito, e não é à toa, porque o SUS é consolidado junto com as lutas pelo processo de redemocratização do país pós-ditadura militar, que faz com que a saúde seja uma pauta de direitos. Isso é fabuloso. A Lei 8.080 é a lei que funda o SUS e traz isso logo de cara, que esse conceito de biopsicossocial, que é um pouco o que a gente estava falando na primeira pergunta sobre a questão do vírus, que é uma questão biopsicossocial, é uma questão complexa. Sendo assim, o enfrentamento também tem que ser complexo. A ideia da saúde, do SUS universal para todo país, porém descentralizado, ou seja, cada município faz a sua gestão a partir das suas necessidades, é algo sensacional e rizomático, a partir das UPAs, a partir dos hospitais, e tira a lógica do hospital, também, do centro. Também trabalha com a ideia de recuperação, prevenção e promoção. Você não vai só tratar de quem está doente, você vai evitar que essas pessoas adoeçam, e isso é muito mais barato para o Estado, e para a pessoa... nem se fala! Assim, se eu trato bem da minha pressão alta, eu não preciso fazer uma cirurgia cardíaca, se eu tenho agravos por conta de questão da pressão e diabetes, enfim. Dispensa de medicamento gratuito, a gente tem. Por exemplo, algumas condições das infecções sexualmente transmissíveis, das ISPs, que você tem a dispensa gratuita de medicamento. Gratuita porque ela foi paga publicamente a partir dos impostos, também precisamos lembrar disso. Não é porque o Estado está dando, é porque nós, coletivamente, financiamos as pesquisas e a produção desses medicamentos. Então, o SUS é algo muito importante, muito precioso, muito caro, algo que a gente precisa defender porque é justamente isso. Vamos imaginar aqui, então. A COVID-19 coloca isso. Quem é que está produzindo conhecimento

sobre vacina? As universidades e os laboratórios públicos. A gente tem uma notícia da Fiocruz, que já desenvolveu em parceria com um laboratório e que está prevista a produção das vacinas ainda esse ano. Isso é política pública, só que a gente ainda não conseguiu levar para fora da universidade essa concepção para o cidadão comum, que está ali na sua vida cotidiana, de que ele está pagando por aquilo, que o SUS é dele, é um direito, não é um favor que o médico faz, não é algo assistencialista, mas é algo da ordem de um direito adquirido, de um projeto de país que a gente construiu. O SUS é muito importante, mas sem dúvida ele não foi efetivado como ele deveria ser. Eu estava falando da vacina, quem está produzindo a vacina são os pesquisadores financiados, e o que a gente está fazendo aqui? Eu também sou paga com recurso público, então, eu também estou fazendo algo que é o Brasil. Isso é muito importante, eu digo isso na sala e os alunos ficam assim: “Caramba, professora, é verdade!” Quando eu estou dando minha aula, eu estou fazendo algo que é meu, da minha vida, porque, como eu estava falando, me dá sentido para minha existência, tem a ver com meu Lattes e tudo mais. Mas também é o Brasil funcionando, também é política pública de educação funcionando. Então, quando o aluno faz a prova dele, não falta, está ali, tem a bolsa ou não, é monitor ou não, ele está fazendo algo da vida dele, mas ele também está fazendo um projeto de país se efetivar em política pública educacional, principalmente e, sobretudo, se ele vem dessas camadas que antes não tinham acesso. Então, é um comprometimento duplo. É uma engrenagem dupla. Se eu falto, se eu faço qualquer conduta inadequada, é algo que diz da minha vida, mas também é contra a própria política pública, então, a gente tem que ter isso muito claro, que ali a gente tem uma existência política por excelência, uma existência pública e isso não pode ser perdido de vista. Quem produz conhecimento sobre o vírus? São os pesquisadores públicos, o financiamento é público e nas universidades públicas, e daqui a pouco como é que a gente vai fazer a dispensa dessas vacinas? Pelo SUS, tem que ser pelo SUS, porque tem que ser gratuito e tem que chegar a todo mundo. É como são as vacinas de quando a gente é pequenininho e vai no posto e recebe e aí tem a cartela de vacina. Então, no Brasil a gente não paga por isso duas vezes, porque a gente já pagou enquanto imposto, então isso é o que a gente precisa defender como saída, então como é que a gente vai sair dessa? Não tem outro caminho que não defender a política pública. Não tem outro caminho que não pensar coletivamente que a minha existência está necessariamente vinculada à existência do outro. Talvez isso seja algo positivo que o vírus está trazendo: por mais que o meu pensamento seja individualista e liberal, para eu me manter vivo, eu preciso que todo mundo tenha possibilidade de lavar a mão, porque, se não, a gente vai ficar sendo vetores um do

outro. Saneamento básico é algo que o SUS entende como determinante de saúde. A gente tem essa preciosidade, a gente construiu isso que é maravilhoso, que é o SUS, mas que, não à toa, não foi efetivado em sua completude e, principalmente, agora sofre tal como as universidades, que são políticas públicas educacionais. Forte ataque, justamente porque o projeto de país que se mantém hegemonicamente é um país elitista. Quando eu estava dizendo que a universidade precisa se pensar porque a gente está nesse bojo, também, de pensar qual o país que a gente quer e a gente tem um projeto elitista e uma máquina a todo vapor funcionando. Então, o vírus, o que ele traz é também esse desafio de a gente se pensar coletivamente, pensar que ainda que eu esteja pensando em mim, na minha família, nos meus, no meu condomínio, eu preciso que todo mundo tenha acesso e também recursos de proteção. De vez em quando eu fico pensando enquanto eu estou higienizando os alimentos: nossa, é um vírus que morre com água e sabão, como que a gente não pôs fim a ele ainda? Porque que a gente ainda está com um inimigo tão grande, se ele é tão “fácil”, com muitas aspás, de ser combatido no sentido biológico dele? Eu estava lendo que a camada dele se explode quando tem água sanitária, sabão, mas é uma coisa muito doida, porque quando eu vejo as cenas do Leblon ou cena da praia, eu fico pensando que essas pessoas amam mais o capitalismo do que a elas mesmas. No sentido de que elas não podem abrir mão dessas insígnias de sentido da vida. Porque de certa maneira a subjetividade está ali grudada com essa existência que precisa da subjugação do outro, ou precisa de ser subjugado por alguém. Então, eu acho que o vírus, para combatê-lo, a gente precisa ter uma visão igualitária. Não porque somos iguais, porque não somos, mas porque há algo do comum da existência que a gente precisa defender. Garantir a diversidade, mas em um âmbito comum, de eu conseguir olhar pro outro e entender que ele é parte daquilo que eu sou, seja da espécie, enfim. Mas, principalmente, eu preciso que ele esteja vivo para que eu também possa sobreviver, acho que essa interdependência, talvez seja essa a palavra, a gente ainda não tenha acessado de maneira ordinária, cotidiana. Somos seres interdependentes, e para isso a gente precisa estar numa certa horizontalidade e não numa assimetria de expropriação um do outro. Faltou falar dessa parte: a gente tem a rede de saúde mental, então, dentro dessa visão holística, integral, universal de direito, a gente tem a produção de uma outra pasta, vamos dizer assim, dentro desse guarda-chuva maior que é a saúde mental, pensando nessa questão do adoecimento psíquico que é uma pasta muito importante e muito cara. A gente tem no SUS? Temos. Nós criamos a rede de saúde mental, de atenção psicossocial, olha que interessante: a atenção já é psicossocial, então, a gente não dissocia mente de corpo, o próprio SUS já faz isso, e ainda assim, dentro da perspectiva que a

gente faz, arbitrária, de recortar algo da saúde mental. Por que se recorta algo da saúde mental? Porque, historicamente, nós internamos, violentamos e retiramos direitos de pessoas que eram consideradas loucas. A gente tem no Brasil uma lógica manicomial histórica que não fica lá atrás, se ratifica, assim como o racismo e a misoginia, é uma lógica operacional. Embora a quantidade de hospícios tenha diminuído, no sentido do grande internamento, a lógica manicomial continua presente. Então, se a gente pega as políticas de saúde mental, a gente fica meio assustado com o quanto ela é nova. A data é 2014, 2016, 2004... Foi ontem que a gente começou, então, a fazer esse movimento que a gente chama de reforma psiquiátrica, no bojo da luta antimanicomial. E aí, uma das leis diz assim: sabe essas pessoas? Elas têm direitos. Sempre quando eu dou essa disciplina, eu penso assim: olha como a gente é louco, no sentido metafórico, como a gente é bárbaro, como a gente é vil - vamos botar direito os termos para não depor contra o próprio argumento que eu estou trazendo - a ponto de a gente ter que criar uma lei para lembrar que essas pessoas têm direitos e que elas não podem morrer de fome, de frio, de eletrochoque, de lobotomia, ou porque apanham e são torturadas dentro dos manicômios, não podem comer e enfim. Aí eu indico “O holocausto brasileiro”, que é um livro da Daniela Arbex muito bom, o “Bicho de sete cabeças”, que é um filme muito interessante com o Rodrigo Santoro, que diz dessa lógica de violência que a gente trata o outro diferente, alteridade. A gente criou essas redes, mas que como o SUS, não foram efetivadas como deveriam, então, ainda que a gente tenha alguns centros de atenção psicossocial, que são essas unidades específicas para a saúde mental, muitas delas estão sucateadas, muitas delas têm profissionais que não entendem o caráter político da sua organização político-social. Mais uma vez: a gente só vai sair da pandemia de COVID se a gente defender política pública. Defender em última instância é o quê? O que é política pública? Entender que o Estado deve garantir direitos, deve garantir a segurança e bem-estar de cada cidadão, independente da sua condição e, olhando a sua condição, entender que essa condição é uma condição historicamente criada. Logo, situações desiguais devem ser tratadas de forma desigual, então, a gente tem políticas públicas afirmativas para que essas pessoas que foram historicamente alijadas do processo e sempre estiveram à margem, tenham finalmente acesso. Aí a gente entra no acesso, é o quê? Saúde, acesso à educação, acesso à cultura e tantas outras pastas que a gente precisa pensar, e acho que, sem dúvida, avançar também na questão específica dos povos originários, que têm sido dizimados. Eu vejo alguns *posts*, acompanho, ainda que não seja uma especialista do assunto, mas essa resistência que já dura mais de 500 anos... Quando eu estou falando de políticas públicas que a gente precisa

defender, a gente não pode esquecer que essa camada da população brasileira, originária do nosso território, tem sido dizimada historicamente e agora com a COVID. Quando a gente vê essas últimas decisões do governo de suspender as possibilidades dessas pessoas se defenderem da morte, é algo que traz para a gente qual é a lógica que tem pautado, como a gente tem sofrido com esse projeto hegemônico de país que é sectário, que é elitista e que requer a concentração e não a distribuição de recursos e acessos.

BA: *Como você enxerga essas polêmicas da divulgação dos dados de mortos e/ou de recuperados para a saúde mental das pessoas?*

BB: Eu acho que a gente precisa saber. Vamos para a área clínica e pensar o seguinte: a gente está numa situação de puro trauma ainda, porque a gente está vivendo algo que a gente nunca viveu, a gente está sobressaltado cotidianamente, a gente está de frente para a morte e a gente ainda não tem recursos simbólicos para dizer o que é isso que a gente está vivendo. Hoje, a gente olha: “nossa, viveram a peste negra!”, mas a gente já construiu muita história e recurso simbólico para entender o que foi. Eu acho que isso vai ficar para outras gerações, dizer o que a gente está vivendo hoje, então, no sentido traumático do termo, a gente não tem ainda possibilidade de dar sentido a isso, nem coletivo e nem individual. E como é que a gente pode, então, sair de uma situação de trauma? Falando, elaborando e para isso a gente precisa de informações. Na clínica, por exemplo, a gente diz que o não dito tem um impacto, às vezes muito mais profundo, do que o dito. Às vezes a gente diz: “Não vamos falar disso que vai traumatizar.” Ou então algumas famílias que tratam diversos tabus familiares que em duas gerações ou na própria criança vai ter um efeito missivo no sentido da saúde mental. Eu penso que no âmbito político, no âmbito coletivo é a mesma lógica, nós precisamos saber. Até para a gente poder sair desse negacionismo. Porque tem algumas pessoas que negam por não poder suportar o horror, tem outras que negam por uma posição político-ideológica e tem algumas pessoas que negam por não estarem entendendo. A gente tem que ter muita clareza, de que assim como o processo de democratização do nosso país foi incompleto, o processo de consolidação do SUS foi incompleto, os processos de consolidação das políticas públicas de educação também foram incompletos. Então, a gente não conseguiu ainda e aí, eu acho que é um desafio quando a gente está na academia, produzir uma divulgação de informação tão rápida que chegue a qualquer um, como as igrejas fazem, como a mídia faz, a telenovela, enfim, por isso que eu acho importante: quanto mais plural formos enquanto universidade, mais saídas a gente vai encontrar para falar com o povo, com as pessoas comuns. Porque eu

estou dizendo isso: a gente esquece que a gente é uma franja, que o acesso à informação ainda é muito restrito. Enquanto isso, outros canais de informação informal ou não científica têm uma circulação mais rápida. Nesse sentido, para responder sua pergunta: nós precisamos saber quantos de nós estão morrendo, em que condições e a gente precisa saber, sobretudo - a gente enquanto população e principalmente a população comum, vamos dizer assim, no sentido de que não acessa, necessariamente por uma estratégia, como a gente está discutindo, a informação produzida, científica - nós precisamos saber que essas mortes poderiam ter sido evitadas. Eu acho que isso é o principal argumento que a gente precisa levar. Agora as escolas estão cogitando voltar, será que todas as mães sabem que estão morrendo mais de mil pessoas por dia e que a volta das crianças vai exigir que 800 cruzamentos se deem? Também tem essa pesquisa: se a gente voltar, 800 isolamentos que a gente está fazendo vão se inter cruzar, porque o trabalhador tem que pegar o ônibus, tem que ir trabalhar, tem a faxineira, tem a cozinheira, tem a professora, os alunos, as mães, os pais, as babás, tem toda uma rede que retoma a circulação, as pessoas sabem que esse número de mortes são mortes que seriam evitadas? Que o fato de retornar às aulas vai impactar negativamente esse outro número? A gente precisa disso para a gente se organizar socialmente e também para elaborar, o que eu tenho dito para esses espaços que me chamam para pensar, de saúde mental: quanto mais espaços de elaboração eu tenho, mais possibilidade de sair dessa situação de trauma, de inibição e de sofrimento, entende? Então, volta às aulas: eu preciso ser parte disso, os alunos precisam falar sobre isso, nem que seja para deliberar nada, calendário, não, mas que a gente possa trocar e coletivamente produzir sentido e também elaborar luto junto. Acabei de falar que a gente está, de certa maneira, passando por vários lutos e a gente precisa muito elaborar esse luto juntos para poder avançar de alguma maneira. A gente precisa saber e isso é estratégico, porque na verdade a gente não sabe, porque a gente não faz teste como deveria. O Átila Iamarino, que é a referência que eu estou usando agora, sempre aponta que a gente faz uma testagem muito pequena, que o número que a gente tem, que é algo impressionante, de produção de corpos, a gente pode chamar assim, é subnotificado. Então, quantas pessoas a gente tem infectado? “Ah, mas as pessoas se recuperaram.” Sim, mas a gente tem que entender que nem todo mundo tem a mesma cobertura. No início, falei que a gente não está no mesmo barco. Não está no mesmo barco porque não tenho as mesmas condições de me defender: um trabalhador, uma pessoa que está numa situação de vulnerabilidade na rua por exemplo. Uma mãe de muitos filhos, que tem que trabalhar e ficar sozinha, os imunodepressivos, as pessoas com doença crônica, os idosos. O fato de eu, enquanto cidadã,

decidir manter o isolamento, porque acaba que é uma decisão facultativa, é claro que eu estou podendo fazer isso hoje porque a UFF ainda não voltou e está nesse debate, mas ainda que eu pudesse deixar minha filha ir, eu tenho que entender que isso reverbera não só na minha vida, mas na vida de outras pessoas. Velhinhos, senhores imunodepressivos, pessoas que tenham qualquer tipo de comorbidade, se pegam esse vírus é algo fatal. Não é porque eu sou jovem e que tudo bem eu tomar um “choppinho” no Leblon que eu não fiz mal a ninguém. No ato de eu sair de casa e me expor ao risco, eu não estou fazendo isso só com a minha vida, mas eu estou fazendo com uma cadeia de pessoas que não tem o mesmo recurso, porque eu não sei se o garçom do bar ou o faxineiro daquele bar tem saneamento básico na casa dele. Se ele tem condições de lavar as mãos antes de chegar em casa e tomar um banho. Eu não sei qual é a condição de moradia que essa pessoa tem. Porque é isso: está em casa, mas às vezes estar em casa é fazer aglomeração, porque a gente está falando de concentração de renda, a gente está falando de pessoas que não têm casa, eu acho que o vírus traz isso... A gente precisa saber dos números, a gente precisa saber quantos estamos morrendo, como estamos morrendo e o que poderia ser feito para serem evitadas essas mortes. Às vezes é muito ruim, claro, receber a notícia de que as pessoas estão morrendo, as pessoas estão morrendo, isso tem um impacto para mim, mas também, por outro lado, me dá possibilidade de elaborar, de olhar de frente isso que está posto. Só para concluir essa resposta, me veio um texto do Freud que é muito importante, o título é “Recordar, repetir e elaborar”, e ele vai trabalhar que na clínica - ele não está fazendo uma análise de conjuntura e nem do arquivo público, mas eu vou ter a ousadia de fazer a seguinte comparação-, é preciso que a gente rememore, que a gente recorde, nesse sentido, de questões sintomáticas da nossa vida, olhar de frente para as questões que me fazem sofrer para que eu possa elaborar, produzir sentido, para então não repetir mais esse sintoma. Isso é um pouco da lógica, e aí a gente poderia pensar, numa transposição, para pensar política ou o cenário atual, que a gente precisa saber daquilo que nos faz mal, daquilo que nos está adoecendo, para então poder elaborar coletivamente outras saídas para não repetir, porque, não saber, ser alienado, não traz felicidade e não traz saúde mental, pelo contrário. Na parte clínica, me deixa alienada do meu sintoma, daquilo que me faz sofrer e por isso eu continuo repetindo essa conduta e continuo me colocando em situações de sofrimento, e no âmbito político, eu acho que o Freud dá uma certa dica, se a gente poderia dizer assim, a gente precisa elaborar, mas para elaborar eu preciso saber quais são os números e qual é a realidade que está posta para não repetir.

BA: *O isolamento social impede que as pessoas façam funerais, velórios e enterros. Qual é o impacto de não fazer a despedida como a gente costuma fazer?*

BB: É gravíssimo. Eu vivi isso. No início da pandemia, eu perdi a minha avó, não pela COVID, mas ela já estava internada e não pude ir ao enterro, não pude ir ao velório. Eu falei agora há pouco que a morte é algo que é o maior tabu social e a gente tem poucos recursos para lidar com isso. Eu tive experiência também de colegas que perderam entes queridos nesse processo, não necessariamente de COVID. São dois momentos existenciais e que a gente não tem muito recurso simbólico, que é o momento da chegada de alguém e o momento da partida de alguém. Quando alguém chega no mundo, a gente tem um pouquinho mais de alegria e de recursos simbólicos, e a gente vai fazendo um caráter meio festivo: chá de bebê, toda lógica de exames e tudo mais. Mas a partida, ela é um tabu social inclusive para os médicos, inclusive para a área biológica. Isso se coloca, e o que a gente tem, ainda que precário? São esses momentos do ritual funerário, no sentido do velório e do enterro e isso também nos é retirado nesse momento. Isso sem dúvida tem um impacto muito grande: da impossibilidade, por exemplo, de fazer um acompanhamento no processo de partida de alguém que está internado, porque ir ao hospital não é algo simples. Eu também tenho alguns relatos desse tipo de sofrimento, “gostaria de estar lá e isso me fez falta inclusive para elaborar a perda dessa pessoa, desse ente querido”, e se a gente está falando em mortes de COVID, a gente está falando de algo que a gente precisa somar na análise que a gente fez sobre o retorno às aulas, por exemplo, sobre o retorno ao trabalho. Porque no momento que eu estou ali, tentando dar conta de uma disciplina de Psicologia Clínica 1, de Teoria Política 2, eu acabei de perder meu pai, eu estou com meu irmão internado, enfim, eu estou nessa perspectiva de um luto que faz parte desse luto maior... Porque se a gente está falando de mais de mil mortes por dia, a gente está falando de mais de mil famílias, por dia, que ficam nessa situação de ter que elaborar esse luto. E aí, você tem toda razão: há os recursos, ainda que precários, que a gente tem de chorar junto, de rever pessoas, ou que acontece muito no velório: de contar histórias sobre. É comum, às vezes, a gente vai pro velório muito triste e de vez em quando a gente se pega rindo, quando alguém relembra de uma situação ou de valorizar aquela vida e de dizer que tem mais que biologia, que essa existência, ela foi mais do que uma existência biológica, trouxe sentido à vida de outras pessoas, trouxe sentido à minha vida. A minha avó, por exemplo, ela me traz uma referência de ser mulher feminista hoje. Alguém que se separou ainda quando o desquite não era possível, trabalhou sozinha, ela era artesã. Eu penso a minha profissão como acadêmica como uma profissão artesanal, disso que eu estava

dizendo, a pluralidade de olhar, de um “fazer com”, enfim, quando morre alguém, morre parte de mim também, no sentido de que foi essa pessoa que me deu esses recursos simbólicos para construção, para além dos recursos simbólicos que eu falava há pouco, gerais, coletivos, esses recursos mais individuais e pontuais. A gente não está tendo tempo de chorar os nossos mortos, nem enquanto espécie, nem nas famílias, e eu imagino que deve ser muito difícil para alguém que perde um parente, vítima das complicações da COVID, saber que essa vida poderia ter sido poupada, isso que fica tão abstrato, como a gente estava fazendo a análise agora. Quando a gente pontua isso no seio familiar, deve ser muito duro você saber que aquela pessoa poderia estar ali e foi uma vida ceifada, foi uma morte antecipada por uma ação necropolítica, vamos dar os nomes, então, uma gestão da morte pela morte, do pior. Eu acho que deve ser mais difícil para essas pessoas fazerem o luto, porque a possibilidade de conforto fica menor. Outra coisa que a gente diz: “Ah, é melhor do que ficar sofrendo, já era hora, cada um veio por um motivo.” Enfim, toda essa produção imaginária, religiosa e coletiva, eu imagino que para quem está nessa situação, deve ser um desafio muito maior. Só para concluir, profissionais que estão na ponta, profissionais de saúde que estão na ponta, muitos dos que morreram até agora, se a gente pega o levantamento de quem morreu no Brasil hoje de COVID, a gente vai ver: são essas camadas da população que estão numa situação de exploração e desigualdade social. Eu estou falando da população negra, das mulheres, a gente está falando da classe trabalhadora e a gente também está falando dos profissionais de saúde. Há um grande número de profissionais que está morrendo no *front* de batalha, e eu imagino que para esses profissionais, e eu tenho alguns amigos queridos que estão nesse lugar, também [é difícil] a gestão disso, da vida própria desse sentimento de “enxugar gelo”, de estar ali cuidando de alguém que a gente sabe que daqui a pouco esse leito vai ser reocupado, reocupado e reocupado e *ad infinitum*, porque eu não sei o que se espera de fim para essa situação.

BA: *Professora, eu li alguns artigos sobre a pandemia, sobre as questões da saúde mental na pandemia e li na revista “Debates in psychiatry”, um trabalho que fala sobre algumas pesquisas realizadas na China e no Japão com pessoas que estão em quarentena ou estão internadas com COVID e sobre como elas estão percebendo isso, e os resultados foram bem parecidos: com sentimentos de tédio, raiva e solidão. Qual seria a importância de um estudo desse no Brasil?*

BB: O que os outros países estão vivendo, eu vou brincar, é só o COVID. É claro que não é pouco, mas eu fiz essa piada sem graça para dizer que no Brasil a gente tem outras camadas que envolvem isso. Eu posso pensar que essas pessoas que estão em isolamento têm sofrido isso que a gente estava falando inicialmente: a perda dos laços afetivos, a perda dessa relação ordinária com a vida. Querendo ou não, é algo que dá sentido e numa dimensão muito íntima da nossa existência, que a gente não se dá conta. Vamos pensar aqui juntos: eu acordava, ia andando para o campus da UFF, chegava ali, já dava de cara com os grafites, via a fila da *xerox*, ia para o Chiquinho tomar um café e aí vinha um aluno: “professora!” Aí eu digo: “pois não?” “Aquela aula, tudo mais.” Aí eu encontro um colega, troco uma ideia, dou uma aula sobre os autores. Eu reafirmo que eu sou uma pesquisadora. Ninguém é pesquisador, professor, fora do seu ambiente. Médico, também, é exercendo seu ofício. O aluno, você só é aluno porque está estudando, está trocando. A gente está com essa perda dessas coisas cotidianas. Aí logo mais quando sai, o pessoal já está tocando um violão ali, já tem aquele aluno que quer fazer um projeto, te encontra na tenda, a gente não tem sala de professor, não tem como fugir, a gente está junto e cria um projeto de pesquisa nesse encontro. Mais tarde a gente vai ali, toma uma cerveja, toma um café, a gente circula na rua, eu vou ali no Santa Paciência, tomo um café, troco uma ideia, depois eu vou pro Soma, escuto a noite do vinil. São coisas muito simples que a gente não percebe que são essas coisas que dão o sentido à nossa existência, porque é basicamente o olhar do outro e essa vida que a gente está vivendo, também, que é um outro debate que a gente acabou que não tocou aqui, mas também é uma via de pensar como toda relação que era 3D passa a ser 2D. Então eu estou falando com você, mas a gente não está trocando energia. Quando eu dou aula presencial, que eu tenho falado muito isso, tem o olhar do aluno, tem aquele aluno que você sabe que não gosta da psicanálise, e que aí você já fala olhando para ele, que aí, quando ele te dá uma abertura, você coloca um conceito, aí ele consente, você diz: “cheguei naquele aluno.” Ou quando o aluno faz uma cara de que entendeu, isso a gente está perdendo. Sei lá, namoro, a relação de amizade, a coisa do bar, de encontrar amigos, agora a gente está aqui numa ação que a gente está atribuindo sentido, eu estou aqui: “Ah, vocês da revista, os alunos, a nossa UFF” e daqui a pouco vai cair, a gente vai desligar e a gente vai entrar num vazio, num puro vazio, é essa coisa de liga e desliga, não é essa coisa, por exemplo, de eu sair do Soma ou sair da UFF e ir caminhando de novo para minha casa, ir me distanciando dessas experiências que eu vivi, e também a padronização, porque eu trabalho no computador, eu me relaciono com meus amigos no computador, eu troco ideia pelo computador, eu estou no Instagram, a gente é praticamente

holograma, a gente virou um Instagram. As aulas online, nas crianças, essa coisa de a gente se ver na própria tela, é uma experiência que no mundo comum, ordinário, a gente não se vê, a gente está conversando aqui, mas eu estou me vendo fora a todo momento. Isso sem dúvida tem um impacto para sua identidade, então o que a gente tem hoje de recurso é: as letrinhas do Whatsapp, ou o áudio, ou quando muito uma interação dessa que a gente está fazendo, mas que também é 2D, não tem a outra troca que não é só das ideias, mas digo, da energia, do contato, eu sou uma pessoa que falo batendo, às vezes: “não, chega aqui que eu vou te mostrar”. O abraço, nossa, que dimensão importante que a gente perdeu que é o abraço! De estar com o outro, de acolher e ser acolhido, de uma troca que se dá de uma outra dimensão que não é, que isso a gente não sabe. Quando a gente vai poder trocar um abraço? Algo que é muito caro. Indo para outra área, mas eu acho que tem a ver, porque como eu falei inicialmente, tudo é complexo e a nossa relação também é corporal, também é de encontro, a troca também se dá em algo que a gente não pode ainda aprender a partir dos sentidos que a gente tem. O olhar está 2D, não está mais nas três dimensões, muito a gente vai perder em interação social. A máscara que me impede de ver o outro, de sorrir, eu brinquei: o sarcasmo está difícil, porque você faz a piada, mas está de máscara. Outro dia uma menina me reconheceu na rua e eu fiquei tão feliz, ela falou: “Você estudou no Externato!” Eu falei: “estudei, você me reconheceu de máscara!” Eu tenho brincado também que eu tenho pé de galinha, então é bom que quando eu dou um sorriso, a pessoa sabe que eu estou rindo, porque a boca já não tem mais, então é uma série de sutilezas, mas que são essenciais para a vida humana, isso que eu quero dizer com esses exemplos todos. Eu acho que esse tempo também está trazendo isso: o que é essencial para a nossa vida? Eu acho que se cada um de nós conseguiu fazer uma virada do isolamento para o recolhimento, a gente fica com a pergunta assim: pelo que vale a pena viver? O que me faz viver? E também em outra parte, por que eu morreria? Porque ver alguém hoje é se colocar em risco. Eu estou com saudade, imagina pais separados que moram em outra cidade, enfim, ver a filha, ver um filho, é correr um risco, é colocar tudo em risco: “Não, então venha, faça isso, tal”, aí vêm protocolos loucos, higieniza sapato, troca de roupa e de repente está com a filha!. Reafirmou que aquela é uma relação que faz viver, então eu acho que também tem esse sentido: quando puder ser abraçado, quem a gente vai abraçar? E nesse contexto que ainda é difícil, com quem a gente vai querer estar junto? Porque toda relação presentifica a morte. Já era assim, mas a gente negava, em certa medida a gente não tinha isso tão à flor da pele quanto a gente está vivendo hoje. Foram reflexões mais existenciais, mas acho que tem outra coisa que é interessante, que nós somos,

independente do lugar que a gente ocupa na universidade, nós somos pesquisadores. Ao mesmo tempo que nós somos pesquisadores de algo, nós também somos objetos, estamos vivenciando, eu acho que isso também traz uma ideia interessante da gente pensar em analisar, também, como quem está sofrendo essa ação, como algo desses dois lugares: de quem analisa, mas que também está submetido a isso.

BA: *Nesse momento de isolamento, não temos como fazer atendimentos psicológicos presenciais e têm se tornado mais populares as terapias on-line. Qual a diferença entre as terapias on-line e presencial?*

BB: O CFP, que é o nosso conselho, já regulamentava atendimento online, não é uma coisa nova, não é uma coisa que aconteceu só por conta da pandemia, o que aconteceu como novo foi a única via de acesso à terapia ou análise ser via remota, seja por Whatsapp, Skype ou ligação. O que acontece hoje, legalmente? O CFP liberou ainda para aqueles profissionais que não tinham essa modalidade atender nessa modalidade. Eu acho que isso é importantíssimo! Importante, para tentar ser um pouco mais objetiva do que eu fui até agora: a gente entender que o sofrimento faz parte desse processo que a gente está vivendo, a gente está vivendo algo muito duro, muito difícil, não sejamos indiferentes com nosso sofrimento. Porque ainda tem isso, não é? “Eu estou sofrendo é porque eu não sou forte o suficiente.” Não. A gente está vivendo algo muito difícil, então primeira coisa: reconhecer que estamos sofrendo ou que estamos tristes, ou as duas coisas, reconhecer que a gente está numa montanha russa, então hoje eu posso estar melhor, mas daqui a pouco eu posso estar pior e também ter a certeza que daqui a pouco eu posso estar melhor e também que a gente não vai cair num buraco sem fundo a vida inteira. Eu acho que isso é importante: a gente lembrar que essa oscilação faz parte da vida, sobretudo no momento que a gente está vivendo, então é esperado. Se eu pudesse falar com os alunos, já que é uma revista direcionada aos alunos, sobretudo: é natural que estejamos sofrendo, natural, não naturalizado, mas é esperado que estejamos sofrendo ou tristes. Acolha e respeite, eu acho que a gente precisa de autorrespeito no sentido de que acolher o próprio sofrimento é algo muito necessário. Ele existe e ele está aqui, o que eu vou fazer com ele? Eu acho que é uma pergunta. Cuidar de si é muito importante, e não é, o que eu tenho falado para muitos alunos, deixar de estar nas pautas políticas, nas pautas da vida. Eu falei com o C.A. [Centro Acadêmico] de Psicologia o seguinte: a gente precisa criar, a gente, cada um à sua maneira, porque somos plurais, uma estratégia de estar nas pautas de luta, mas não sucumbir a elas. Porque, se não, se a gente está

falando que a gente está numa gestão do pior, numa produção de sofrimento intencional, produção de corpos, se a gente adoce e morre, a gente fez par com a necropolítica, entende? O que eu estou querendo dizer em última análise? Cuidar de si, ter a si como prioridade de cuidado nesse momento é resistência, entende? Eu falei tanto de ideal de país, ideal de país, e nós, que estamos no mesmo eixo de construção de um país plural, se a gente começa a cair, no sentido de ou de não conseguir mais, de adoecimento ou mesmo de sucumbir no sentido da morte, porque a gente está falando das mortes de COVID, mas há muitas outras mortes acontecendo por conta de agravos de doença mental, passagem ao ato e de tristeza, depressão, que a gente não está contabilizando. O que eu estou querendo dizer em última análise, para ser menos confusa: se manter vivo hoje, existindo e insistindo em ser mantenedor mesmo de um ideal de país mais justo é algo de resistência, é um ato político em excelência. É um chamado: **cuide-se!** Cuide-se porque é um momento de adoecimento global, e no Brasil, com essa especificidade, cuide-se porque também é resistência. “Ah, mas aí você não está na pauta?” Não, porque eu preciso estar inteira para poder conseguir somar; se não, eu vou ser tragada e não vou poder compor qualquer luta possível posterior, se a gente pensa no tempo pós-pandêmico, que a gente não sabe quando, mas a gente deseja, e essa esperança tem que estar ativa, a gente tem que estar saudável para efetivar isso. Acho que a primeira coisa é isso. Estamos sofrendo, é esperado, valorize e seja generoso consigo mesmo em acolher o sofrimento e encontre estratégias de cuidado. Quais, Bárbara? Vamos lá: atendimento on-line, que é o que se está colocando como questão. Os profissionais estão habilitados para fazer esse atendimento e vai ser a partir da perspectiva teórica que você achar mais confortável. Tem uma rede em Campos que é o CONVIDA⁵, que é uma ação de três professoras do departamento de psicologia, a Elizabeth Pacheco, a Luana da Silveira e a Bruna Brito, que desenvolveram esse projeto de extensão que promove marcações de atendimento on-line neste momento com ex-alunos formados pela UFF e com profissionais que atuam em Campos. Tem o Instagram deles, vocês entram em contato e vocês serão acolhidos e encaminhados para um dos profissionais que estão habilitados e pensando toda essa complexidade, pensando o sofrimento dentro dessa complexidade, mas encaminhando o aspecto clínico propriamente dito, de acolhimento e acompanhamento dessas pessoas em sofrimento. Uma coisa que a gente precisa fazer também: preservar. Eu tenho falado isso, como eu falei, também sou objeto, estou sofrendo também, estou nesse contexto. O que funcionou para mim e para muitas pessoas também? Preservar dois momentos do dia, do acordar e do adormecer. Por quê?

⁵ <https://www.instagram.com/rede.convida/>

Preservar como? Não acorda e vai direto para o celular, porque no celular a gente tem um bombardeio de informação adoecedora, porque a realidade está adoecedora, então, como a gente não vai ficar alienado, a gente vai ler, preservar pelo menos esses dois momentos. Porque reduz um pouco essa ansiedade de você já acordar com um bombardeio e dormir depois de um bombardeio. Acordou, espera um pouco. E outras práticas, como eu falei agora há pouco, que remetam a gente ao corpo. Isso é importante, como a gente está sem perspectiva de futuro, como a gente entendeu que a gente não está controlando quase nada nesse momento, se situar no momento e no próprio corpo é uma maneira de a gente ter alguma ancoragem, alguma âncora nesse momento e aí cada um vai conseguir construir isso de acordo com os seus atributos, os seus interesses, seja o yoga, seja uma prática de arte marcial, seja correr, seja, enfim, a dança, que são aspectos, porque a gente também é corpo e a gente da academia fica achando que é só aqui na cabeça, não é? Então, no sentido de ancorar um pouco no corpo o aqui e agora. E para completar, tentar desenvolver algumas atividades que tragam algum prazer. Às vezes, coisas que a gente deixou lá atrás, sei lá, práticas que aí vai da intimidade e da singularidade de cada um. Porque eu, por exemplo, estou aprendendo violão, eu toco muito mal, todo acorde que eu faço eu fico muito feliz, no meio de tanto caos e tanto desespero e tanta tristeza, extrair um pouco de felicidade é algo extremamente saudável. Pego as questões existenciais no sentido que a alegria é subversiva, o que eu estou querendo concluir aqui e pensar com você: a produção de corpos tristes e doentes é uma estratégia, porque são mais fáceis de serem controlados, então se a gente consegue extrair, apesar de tudo, alguma alegria, é algo também da ordem da resistência e, fora isso, a gente já tem estudos dos nossos colegas das áreas de saúde de que a felicidade aumenta o sistema imunológico. Então, se a gente for pensar, até se caso a gente vir a ter contato com o vírus, a maneira que o nosso corpo estiver preparado para enfrentá-lo vai ser importante para o desenrolar dessas complicações ou não. A gente não pode esquecer que a felicidade tem esse duplo caráter. Aliás, triplo talvez, o caráter existencial, talvez não da felicidade, mas da alegria possível nesse momento, também porque é subversivo, porque está indo de encontro, está recusando esse projeto de produção de corpos tristes e adoecidos, e também, de quebra, produz essa reverberação no corpo, digamos, biológico, no sentido de aumentar a imunidade, então eu não sou especialista desse campo, mas eu sei que há estudos sérios que mostram a produção de anticorpos, enfim, como nosso corpo está mais saudável quando a gente consegue construir alguma âncora, vou chamar assim, de felicidade ou de alegria possível em tempos tão difíceis.

BA: *Tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar sobre esse tema que talvez a gente não tenha falado?*

BB: Reforçar a construção, porque a saída desse momento vai ser uma construção plural, no sentido das áreas do conhecimento, e coletiva, no sentido, também, da gente poder pensar junto e pensando na universidade, se dobrando um pouco a outras cosmovisões, outras epistemologias, outra relação com a natureza, talvez outras existências tenham mais a contribuir do que a maneira que a gente tem feito. Eu estou dizendo propriamente dos povos originários, também de toda epistemologia africana que a gente tem se dedicado a estudar nessa relação mais igualitária, mais comum, do *ubuntu*. A Rubiana, que foi nossa aluna de Psicologia e agora é pesquisadora do mestrado, escreveu um texto muito lindo esses dias sobre isso. O que eu entendo é que a gente vai ter que estar junto nessas caixinhas de conhecimento para produzir algo novo, porque é algo que a gente nunca viveu, e também entendendo a necessidade da gente valorizar saberes que não estão na academia, as epistemologias e as outras produções de saberes, e necessariamente valorização de política pública, e em última instância, da defesa de um país mais igualitário.